

← Retornar

## Textos

Novembro, 2022

#Políticas de memória

Phoebe Coiote Degobi<sup>1</sup>

### Dez passos olhando para frente, onze passos olhando para trás: arquivos, amnessemanía e agências do sensível

<https://atmo.website/arquivoIndependente/arq-artigo-phoebe-coiote.html>

1/4

de publicação e formação arte | escola | crítica | escritura' e curadora artística-educativa do 'LAB. FORA: Laboratório de Formação em Arte'. Integra o coletivo FURTACOR.

O gesto de arquivar tem o mesmo gosto, cheiro, textura, sonoridade e visualidade dos gestos de inscrição do meu corpo no mundo.

Com recorrência, esse gesto se apresenta em sua faceta historiográfica, e em sua inevitabilidade, evoca em nós uma vontade não unicamente de continuidade da memória, mas nos apresenta o que cunho aqui como *amnessemanía*: uma compulsão pelo esquecimento, condicionada socialmente ou voluntária, mas sempre coletiva.

A *amnessemanía* é um órgão social, um agente, que com suas funções específicas de manutenção dos silêncios e invisibilidades, mobiliza ataques estruturais à multiplicidade e à diferença, fazendo perdurar estruturas de saber traumatizantes (e até fatais) às nossas subjetividades.

Em oposição a esse esquecimento, Ana Pato nos lembra que o gesto de arquivar vem de um

[...] desejo de expor estruturas, políticas e discursos, que se revelam, não somente, mas com enorme força, nos arquivos históricos e espaços de memória. (PATO, 2015, apud SCOTT, 2008)

Assim, giramos uma chave que nos força a enfrentar o campo de disputa de políticas de memória e arquivo, que configuram em si o esquecimento e desenvolvem um abscesso *amnessemaniaco*: nos defrontamos com métodos, escolhas e gestões de preservação da memória que tem suas escolhas maquinadas aqueles que escolhem não lembrar e por aquilo que se escolheu esquecer.

Desta forma, esquecer não é a única característica da *amnessemanía*, enquanto um fenômeno social, ela tão antiga quanto a colonialidade que chegou com as embarcações invasoras. O esquecimento produz falácias sobre tudo e todas que são condicionadas à margem, forçando-nos a um coma colonial do qual muito recentemente começamos a irromper.

Ler um arquivo impresso em esquecimentos, faz jorrar em sua leitora uma tradução das configurações amnessemaníacas. Há um processo que acontece como um

o que não apenas se identifica com o arquivo, mas o que parte dessa relação receptiva desde o primeiro olhar - o *Sim* -, e que se encontra entre o que o arquivo comunica, as metodologias arquivísticas embrutecedoras, os estatutos coloniais de verdade e a raiz comum dos gestos que expressam a liberdade da leitora (Flusser, 2014).

Como uma máquina-tradutora, o corpo reescreve o arquivo e a si próprio com silêncios e invisibilidades, e este é o alerta. O arquivo, quando pensado a partir da ótica da exclusão, age expressivamente como estrutura capaz de moldar subjetividades, de embrutecer aquilo que é múltiplo, se valendo de ferramentas perversas da colonialidade, como o cissexismo e o racismo. Expor as estruturas *amnesmáticas* é, intrinsecamente, refletir e propor caminhos para arquivos que se configuram a partir da rememoração de narrativas, identidades e corpos à margem, o que em todos os casos, somente será possível quando estes corpos não sejam objeto de estudo, mas partes fundadoras de novas estruturas arquivísticas.

#### Referências

BLANCHOT, Maurice. A obra e a comunicação. In: ----- . *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. p. 189-208.

FLUSSER, Vilém. *Gestos*. São Paulo: Annablume, 2014.

PATO, Ana Mattos Porto. Arte contemporânea e arquivo: reflexões sobre a 3ª Bienal da Bahia. *Revista CPC, [S. l.]*, n. 20, p. 112-136, 2015.

SILVA, Jamile Borges da. Memórias da dor: o patrimônio sensível da pandemia. *Sul-Sul - Revista de Ciências Humanas e Sociais, [S. l.]*, v. 2, n. 01, p. 121-140, 2021.

O **Arquivo Independente** surge do interesse em tornar mais visível o trabalho realizado por pessoas, coletivos e iniciativas que de forma auto-sustentada, colaborativa, e/ou em rede, produziram atividades artísticas e culturais no Brasil e no mundo. Pretende-se organizar um repositório livre, sempre em construção, co-criado e alimentado por meio de chamadas públicas e convites, atividades e projetos curatoriais.

@arquivoindependente

@arquivoindependente